

INTRODUÇÃO À ÉTICA DA NARRATIVA

Bruno Souza Leal*

RESUMO:

Um ética literária da narrativa pode ser pensada quando se considera que cada texto é o resultado de valores literários. Tais valores, incorporados, presentificados, na superfície textual, indicam um posicionamento da obra diante das tradições literárias e culturais, canônicas ou não, e também frente às tensões que marcam uma determinada realidade cultural. Nesse sentido, esse ensaio busca clarear algumas relações que envolvem a reflexão sobre essa "ética da narrativa".

PALAVRAS-CHAVE: *ética, narrativa, intertextualidade, leitor,; literatura brasileira.*

Quando se pensa a relação texto/sociedade, tende-se quase que inapelavelmente para o privilégio de um dos pólos: a crítica sociológica focaliza as relações sociais; as correntes imanentistas, o texto. O surgimento da Estética da Recepção e dos estudos sobre o leitor estabeleceu uma outra categoria analítica, sem que o equilíbrio tenha (será que deveria?) sido atingido. No entanto, o leitor, existente na obra e na sociedade, é certamente uma das "saídas" do texto para o mundo, uma das instâncias que impedem que se veja a escrita como algo ensimesmado, por mais reflexiva que seja. A sua emergência no panorama dos estudos literários permitiu que algumas questões anteriores pudessem ser reelaboradas e, além disso, o vislumbre de outras, antes não consideradas. Entre elas, uma adquire contornos que se pode chamar de éticos, de uma forma peculiar: como o texto se apresenta, como literatura, num contexto social? Elaborar essa pergunta é refletir sobre os valores que envolvem a inserção e a circulação do texto literário na vida social.

A peculiaridade de tal questão está no fato de, através do categoria do leitor, especialmente daquele textualizado, sua resposta poder ser buscada no

* Doutor em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Comparada), 2000.

próprio texto. O estudo da relação literatura/sociedade, tendo em vista noções como "valor" e "ética", deixa de ser apenas a de uma reflexão sobre os comportamentos representados na literatura ou das funções e papéis que as sociedades atribuem ao fazer literário, por exemplo. Trata-se, além disso, de saber qual o papel, a função que textos literários se atribuem, como literatura, no universo de relações históricas e sociais. Se um texto se apresenta para ser lido como literatura num determinado contexto, ele o faz tomando para si valores literários que circulam à sua volta. Todo texto literário diz-se literatura, apresenta-se como uma manifestação do que seja literatura para seu leitor. E isso envolve valores; envolve, mais ainda, um posicionar-se frente às diversas maneiras de se compreender a literatura e seu papel no mundo. Ou seja, toda escrita literária é "ética", toda narrativa é a performance de valores que a definem como "literária".

Na percepção dessa "ética", o texto literário surge como algo marcadamente intertextual, dialógico, e apresentando uma estrutura comunicativa. Uma narrativa seria, então, como uma espécie de "colcha de retalhos" discursiva na qual um posicionado pode ser entrevisto. Tal concepção de texto literário, desenvolvida por autores como R. Barthes, J. Kristeva e T. Todorov, a partir de M. Bakhtin, está presente também nas formulações dos integrantes da chamada Estética da Recepção. Quando W. Iser¹ concebe um texto como dotado de um "repertório", resultado da seleção e combinação de textos diversos, ele está caracterizando pragmaticamente a constituição intertextual do tecido literário.

Pensando o texto como uma estrutura comunicativa, Iser percebe nesse repertório uma estrutura de apelo aos leitores reais, que, a partir dele, interagiriam com a obra. Por outro lado, é através desse conjunto de referências que se constitui o "leitor implícito", pois os vazios deixados na tessitura textual indicam um universo de relações que identificariam o texto, como uma espécie de mapa da leitura ou um modo de ler.

Afinal, o fragmento intertextual, sendo uma fissura, abre esse tecido para a diversidade discursiva. Todo fragmento presente remete a um outro ausente e ao conjunto dos textos "de origem". Nesse sentido, é que se pode pensar num repertório, num conjunto de referências, presentes na superfície textual e com o

qual esta dialoga. No entanto, tal repertório não se constitui aleatoriamente e a inserção do fragmento numa outra economia narrativa envolve uma leitura, um posicionamento diante do texto anterior.

Se o ponto de partida da reflexão sobre ética é a relação de um texto com outros, o fragmento intertextual, e o repertório que seu conjunto constitui, é a pedra de toque. Mas o que fazer com o silêncio que cerca esse estilhaço do "mosaico de citações"? Esse conjunto de perguntas fica mais e mais pertinente à medida que se considera o exercício crítico. Talvez seja esse o grande desafio, talvez uma contradição mesmo do fenômeno intertextual: como lidar com o que não está? Até que medida esse silêncio é pertinente, informando sobre o texto? Até que ponto esse vazio existe?

A performance valorativa de um texto pode ser vislumbrada na sua relação com outros textos, literários ou não. Ou seja, a relação texto/sociedade pode se apresentar como um conjunto de relações intertextuais, pensadas como uma forma dialógica e comunicativa. A identificação da ética literária da narrativa configura-se, então, estudos de caso, em que se pergunta a um texto quais os valores performa. Para tal, faz necessário identificar o posicionamento da obra frente às diferentes tradições literárias e também no interior das relações culturais do presente, cujas tensões também constituem seu repertório de referências, – entre elas, suas relações com os possíveis leitores.

No entanto, ao se considerar a "ética da narrativa" tendo em vista uma obra em particular, não seria de se perguntar, nesse caso, se o ponto de partida não definiria o ponto de chegada? Em outras palavras, ao buscar perceber a performance ética de uma narrativa, não se estaria abrindo caminho para uma constelação de éticas particulares, uma para cada texto considerado? Afinal, apesar de aproximações e similaridades, não seriam identificadas propostas literárias diferentes e tão vastas quanto o número de romances, ou contos, ou poemas, etc?

Nesse sentido, é curioso observar que, sim, é inevitável que se perceba que cada obra, na sua particularidade, traz uma ética peculiar, que a define como única, como diferença. No entanto, a partir de cada texto e do que este propõe como literatura é que se pode chegar ao que talvez seja uma tendência majoritária de uma

época e/ou de um determinado lugar. Isso não pode ser feito, porém, sem que se considere a diferença de cada obra nesse universo. Assim, essa percepção macroscópica exige o cuidado com julgamentos de valor, com escolhas apriorísticas a respeito de um "melhor" projeto literário que deve ser tomado como paradigmático.

Afinal de contas, o que é literatura?² Cada obra certamente dá respostas próprias a essa indagação, respostas permeadas por valores que podem ou não predominar em uma época. A série literária surge, então, como uma arena na qual valores e performances literárias se chocam, dialogam e se entrecruzam. A "derrota" de uma proposta, porém, não esgota seu valor e talvez não existam vencedores e perdedores. Afinal, nenhuma obra dialoga com o cânone e com as demais tradições literárias e culturais de menor "valor" igualmente. Nenhuma obra se insere da mesma forma no debate cultural de uma época..

Se todas as obras apresentam alguma espécie de "atrito" (seja como busca de inserção, ou recusa, ou releitura, etc, etc) com o cânone, por outro revelam-se à disposição do leitor, este sim valorizado e alvo de sua ação ficcional. O cuidado em evitar os rótulos, as hierarquias e a institucionalização estreitas, portanto, talvez esteja em consonância com o respeito aos leitores reais, em sua diversidade. Mais importante que a batalha entre "alta" e "baixa" literatura, é a experiência do texto literário que se afirma, tão múltipla quanto possível.

NOTAS;

1. Nesse sentido, ver especialmente ISER, W. *The act of reading*, 1978.
2. Não há como evitar a lembrança, aqui, da conclusão de A. Compagnon, em *O Demônio da Teoria*, quando diz que afinal, literatura é aquilo que é dito ser literatura. Paulo Leminski, por sua vez, em *Caprichos e Relaxos*, lembra que "poeta" é aquele que se diz..."poeta".

ABSTRACT:

If one considers that every narrative, or literary work, carries some literary values, that is to say, tell its readers what is literature and what is its function, or role, therefore something like an "ethics" can be identified. For every narrative places itself in a literary tradition, and a cultural context, performing an "way of seeing" both. This essay follows that hypothesis, in order to provide a clear view on the matter.

KEY WORDS: *narrative, ethics, intertextuality, reader, brazilian literature.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

ISER, Wolfgang. Feigning in Fiction. In: VALDES & MILLER (Ed.). *Identity of the literary text*. Toronto: University of Toronto Press, 1985, p. 204-230.

_____. Os atos de fingir, ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, L. (Ed). *Teoria da Literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1983, v.2, p.384-416.

_____. *The implied reader: patterns of communication in prose fiction from Bunyan to Beckett*. London: The Johns Hopkins University Press, 1974.

_____. *The act of reading: a theory of aesthetic response*. London: Routledge & Kegan, 1978.

_____. *Prospecting: from reader response to literary anthropology*. London: The Johns Hopkins University Press, 1989.

_____. *The fictive and the imaginary: charting literary anthropology*. London: The Johns Hopkins University Press, 1993.